

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A TERCEIRA *BUCÓLICA*,  
DE VIRGÍLIO: ASPECTOS ESTILÍSTICOS**

Gabriel Accioly Lins dos Santos (UCSAL)

[accioly\\_96@outlook.com](mailto:accioly_96@outlook.com)

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (FFP-UERJ e UERJ)

[marciomoitinha@hotmail.com](mailto:marciomoitinha@hotmail.com)

**RESUMO**

Trata-se de um artigo acerca da terceira *Bucólica*, de Virgílio, que será analisada, em alguns aspectos estilísticos. *In primo loco*, analisar-se-ão as diversas figuras de linguagem, mais significativas, nos versos de Virgílio, como também, apontar-se-á o uso da polissemia e do paralelismo sintático. Explicar-se-ão, neste humilde trabalho, as alusões políticas às pessoas e às circunstâncias históricas, e as verdadeiras intenções de Virgílio, nesta 3ª *Bucólica*, de tal modo que a leitura dessa obra, em seu texto original, torne-se mais acessível, com nossa análise e com nossos comentários pertinentes, uma vez que os versos virgilianos mais obscuros tenham sido enodados com as suas alusões, com as suas metáforas e com as suas críticas ocultas, que somente uma leitura atente e uma tradução diligente do original latino podem atestar e consolidar.

**Palavras-chave:**

Virgílio. Estilística latina. 3ª *Bucólica*.

**ABSTRACT**

This article is a small treatise about Virgil's, the Latin poet, third *Bucolic*, in which traces of his style are examined by us. At first, we present not only the many figures of speech (the most relevant), but also the uses of polyssesmy and parallel syntax. Besides, in this humble work of ours, we explain the political references to people, and historical circumstances as well as Virgil's true intentions, hidden in his 3<sup>rd</sup> *Bucolic*, so much so that reading this *carmen* becomes an easier task, with the help of our analysis and commentaries, once the more obscure verses have been clarified, along with their allusions, metaphors and latent critique, that only a careful reading and a diligent translation of the original Latin text can provide.

**Keywords:**

Virgil. Latin styling. Third *Bucolic*.

**1. Considerações iniciais:**

O opúsculo, que ora se lê, não é senão uma análise da terceira *Bucólica*, que integra o conjunto de dez poemas, denominados *Élogas* ou *Bucólicas*, escritos pelo poeta latino de Mântua, Virgílio.

Quanto ao gênero bucólico, podemos destacar que surge na Sicília, cujo tempo ameno e cuja bela paisagem natural teriam levado os poetas a versificar o modo de vida campestre. O primeiro que obteve fama por seus carmes bucólicos foi Teócrito, em cujos versos, já dizia Vallauri (VALLAURI, 1850, p. 72): “(...) de tal modo descreveu a inocência e as delícias da vida pastoril, que, com os seus *carmes*, infundiu certo suave prazer nos homens<sup>71</sup>”. Com efeito, a palavra “bucólica” teve a sua origem, no grego antigo, e significa algo como “canções de boiadeiro”. Assim nos informa Zelia de Almeida Cardoso (2013):

A palavra *bucólica* é de origem helênica: *bukkoliká*, em grego, significa “cantos de boiadeiros”. Assim se designavam as canções que, versando sobre assunto relacionado com o pastoreio, eram apresentadas em concursos públicos, na Sicília. (CARDOSO, 2013, p. 61)

Não podemos deixar de destacar, também, a dissertação do Prof. Dr. Marcio Moitinha, intitulada: *A poesia pastoril: as Bucólicas de Virgílio*, na qual o autor expõe as origens do vocábulo “bucólica”. Vejamos:

A bucólica, do grego “*boukólikon* poema” seria uma composição, na qual o protagonista era o boieiro ou vaqueiro. Tirou-se deste termo o nome do gênero bucólico, bem como de bucolismo ou poesia bucólica. (RIBEIRO, 2006, p. 13)

Distingue-se, todavia, o estilo bucólico virgiliano daquele de Teócrito, a quem remonta a origem do gênero poético (como dito acima), porque, em Virgílio, não só o cenário muda (em vez das terras Sicilianas, retrata-se a paisagem da Itália setentrional), mas, também, o poeta mantua nos apresenta os seus pastores como homens menos rudes e mais delicados do que os homens de Teócrito. Mais uma passagem de Tommaso Vallauri, na qual corrobora a nossa afirmação:

Nem o devemos admirar. Com efeito, Virgílio, tendo topado com uma idade mais polida, ornou muitas coisas que, necessariamente, diziam respeito à vida dos pastores, as quais, nuas e expressas sem omissão da verdade, teriam sido repudiadas, com asco, pelos ouvidos soberbos dos romanos<sup>72</sup>. (VALLAURI, 1850, p. 72)

Na terceira *Bucólica*, foco de nossa pesquisa, é-nos proposto um diálogo entre dois pastores, Menalcas e Dametas, que, ao conversar sobre

---

<sup>71</sup> No original: “[...] *pastoritiae vitae innocentiam et delicias sic adumbravit, ut carminibus suis suavi quadam voluptate homines perfunderet*”

<sup>72</sup> No original: “*Neque id mirum. Virgilius enim politiorem aetatem nactus, multo necessario ad pastorum vitam spectantia exornavit, quae nuda atque ad rei veritatem expressa, superbae Romanorum aures fastidiosius repudiasset.*”

a pertença do rebanho custodiado pelo último, dão início a uma disputa, entre si, por meio de alterações, e cada um, em seu tempo oportuno, canta e toca flauta doce para atestar a sua habilidade. Em certa ocasião, aparece Palemão, escolhido por juiz, e amigo dos litigantes, que, chegando de improviso, surpreendera-os a discutir. Nesse contexto, Virgílio faz encômios a Polião, cônsul romano e fautor de literatos, e por meio dos pastores, Menalcas e Dametas, o poeta mantuanolouva as virtudes do cônsul. Finda-se, enfim, o certame, sem que Palemão declare alguém vencedor.

Para os fins deste artigo, valemo-nos, não só do texto latino, que se encontra, na nova edição das *Bucólicas*, traduzidas por Odorico Mendes, mas também, da nossa própria tradução original da 3ª *Bucólica* de Virgílio, com comentários linguísticos e estilísticos, que se encontram, na *Coleção Clássicos Romanos, Série: Bucólicas de Virgílio*. Nossa obra está prestes a ser lançada, em 2021. Também destacamos, como fonte de inspiração para a elaboração deste trabalho: a *Gramática Superior da Língua Latina* e o *Dicionário de latim*, de Ernesto Faria. Pesquisamos também a *Sintaxe do Período Subordinado Latino*, de Paulo Sérgio de Vasconcellos, que trata dos períodos subordinados do idioma de Cícero. A *Gramática Latina*, do professor Márcio Moitinha, outrossim, foi de essencial relevância para a pesquisa e para a tradução da obra.

O foco deste artigo é analisar os principais recursos estilísticos, empregados por Virgílio ao longo de seu poema. Assim, com este artigo, esperamos fazer a nossa pequena contribuição à comunidade acadêmica para uma mais profunda compreensão da obra desse autor de enorme valia para a literatura clássica e para toda a literatura universal do Ocidente.

## 2. *Questões estilísticas:*

### 2.1. *A ironia*

É sabido que a ironia é uma figura de linguagem sutil que consiste na arte de dizer o contrário do que as palavras proferidas, em sua literalidade, exprimem: “Assim, o conteúdo manifesto, desacreditado pelo ato irônico, dá lugar a um segundo conteúdo, implícito, que equivale ao contrário do primeiro.” (AZEVEDO, 2014, p. 501).

Essa dissimulação do discurso, nós a vemos empregada pelo poeta em duas ocasiões: a primeira, no verso inicial, que abre o seu carne:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*Dic mihi, Damoeta, cujum<sup>73</sup> pecus? An Meliboei?*

Diz-me, Dametas, de quem é o rebanho? Acaso é de Melibeu?

Menalcas, de maneira mordaz e irônica, autor da pergunta e um dos três pastores do carne, quando interroga o outro acerca da propriedade do rebanho, deixa entender que se trata de uma interrogação retórica (RIBEIRO, 2021):

Trata-se, evidentemente, de uma certa ironia, na fala de Menalcas, sabendo que o pastor Dametas não é o dono do rebanho e, de certo modo, acusa-o de mercenário, de possuidor dos campos e dos animais a fim de receber dinheiro, pecúnia, de modo que Virgílio faz um jogo de palavras com o vocábulo *pecus* e se vale da interrogação retórica, na primeira fala do pastor, que tem por intenção fazer injúrias, perturbar, acusar o outro de algo! (RIBEIRO, 2021, p. 10)

Nos versos 26-27, também podemos atestar a ironia:

*Non tu in triviis, indocte, solebas  
stridenti miserum stípula disperdere carmen?*

“Nas encruzilhadas, tu, indouto, não costumavas,  
com estridente gaita, arruinar o mísero carne?”

Podemos verificar o uso da mesma figura de linguagem, quando, na boca do mesmo pastor, Menalcas, insinua-se que Dametas tinha o hábito de prostituir-se ou de recorrer aos serviços de prostituição, porque, no mundo antigo, o *trivium*, “as encruzilhadas”, eram locais nos quais as meretrizes comumente se aglomeravam para oferecer os seus serviços libidinosos aos transeuntes.

No verso 19, notemos outro uso de ironia, quando Menalcas diz: “para onde agora ele se arrasta?”, como se Dametas fosse uma cobra, metáfora de uma pessoa insidiosa.

Et cum clamarem: quo nunc se proripit ille?

“E, como se eu clamasse: “para onde agora ele se arrasta?”

---

<sup>73</sup>Aqui, o poeta se vale de um arcaísmo. No latim clássico, a forma genitiva singular dos pronomes relativos *qui, quae, quod*, já havia se estabelecido em *cujus*, que não considera o gênero gramatical da palavra que lhe sucede; mas, no primeiro verso da terceira *bucólica*, vê-se que Virgílio emprega a forma *cujum*, a concordar, em gênero, com a palavra imediatamente a seguir: *pecus*, de gênero neutro.

## 2.2. A hipálage

Ao longo do poema, Virgílio recorre ao uso de uma figura de linguagem: a hipálage. Esta, por sua vez, consiste “na transferência do atributo de um ser a outro” (AZEVEDO, 2014, p. 494).

Nos versos 3-5, o pastor Menalcas lamenta que o rebanho esteja sob custódia alheia, dizendo-o infeliz, enquanto Egão, que é o dono da grege, deleita-se nos afagos de Neera:

*Infelix o semper, oves, pecus! Ipse Neaeram  
Dum fovet, ac ne me sibi praeferat illa veretur,  
Hic alienus oves custos bis mulget in hora,  
Et succus pecori et lac subducitur agnis.*

“Sempre, ó ovelhas, (vós sois) um infeliz rebanho  
O próprio, enquanto a Neera acalenta e teme que ele me prefira a si  
Este estranho guardador ordenha as ovelhas duas vezes por hora  
E subtrai o suco ao rebanho, o leite aos cordeiros.”

Nessa passagem, a hipálage reside no fato de que, não só o rebanho é infeliz, mas, também, o pastor, i.e., o próprio Menalcas. Com efeito, assim como os animais foram dados à cura de outrem, também Neera, aos cuidados de Egão, enquanto Menalcas, infeliz, sofre as dores do abandono.

Nos versos 10-11, podemos atestar que o emprego do adjetivo “má”, na passagem, abaixo, configura-se com o uso de hipálage; de fato, “má” não é a foice, mas, na visão de Menalcas, autor da fala, é o próprio Dametas que é mau, tanto por ter praticado as ações descritas, quanto por tecer críticas aos demais pastores.

*Tum credo, cum me arbustum videre Myconis  
Atque Mala vitis incidere falce novellas*

“Então, eu creio, quando me viram cortar os arbustos de Micão  
E as novinhas videiras, com uma má foice.”

Apontamos mais um uso da mesma figura de linguagem, também, no verso 27,

*Stridentis miserum stipula disperdere carmen?*

“Arruinar o mísero carne com uma estridente gaita?”

O emprego de “mísero”, nesta passagem, pode ser interpretado de três modos: é mísero o carne, porque este é destruído pela imperícia do músico; pode ser interpretado também como “mísero” quem emite o som

da música, porque o pastor é incapaz de produzir alguma melodia agradável; e enfim se torna “miseró” aquele que ouve, porque lhe ofendem os ouvidos com o disforme estrépito de uma gaita estridente. Dentre essas três possibilidades interpretativas (que, vale dizer, não se excluem reciprocamente, mas, ao contrário, se complementam), somente as duas últimas se configuram com o uso de hipálage.

Outra passagem, na qual encontramos esse recurso estilístico, torna-se presente, nos versos 36-39:

[...] *pocula ponam  
faginam, caelatum divini opus Alcimedontis  
lenta quibus torno facili<sup>74</sup> superaddita vitis  
diffusos hedera vestit pallente corymbos.*

“[...] colocarei copos  
de faia, burilada obra do divino Alcimedonte,  
aos quais, com ágil torno<sup>75</sup>, adicionada, a videira  
veste os difusos corimbos com a hera palente.”

Aqui, a hipálage se encontra em *facili torno*<sup>76</sup>, traduzido por “com ágil torno”. Na verdade, ágil não é o torno, mas o artista que o manuseia.

Finalmente, o último emprego desse recurso estilístico, patente, na terceira *Bucólica*, encontra-se, nos versos 92-93:

*Qui legitis flores et humi nascentia fraga,  
Frigitus – o pueri, fugite hinc – latet anguis in herba.*

“(Vós) que colheis flores e os nascentes morangos na terra,  
Uma frígida – ó meninos, fugi daqui! – esconde-se na relva.”

De fato, apesar da correlação sintática entre *frigidus* e *anguis*, o adjetivo *frigidus* pode ser interpretado como uma alusão à condição daqueles que se recusam a ter relações íntimas com o pastor<sup>77</sup>. Mas, tam-

---

<sup>74</sup> O adjetivo *facilis*, além do seu sentido imediato ao qual somos atraídos, “fácil”, pode, outrossim, ser traduzido por “ágil”, conforme o dicionário, de Francisco Torrinha.

<sup>75</sup> Instrumento de tornar.

<sup>76</sup> Traduzido para o vernáculo, como se observa, acima, exerce, na oração em que se encontra, a função de adjunto adverbial de instrumento, função sintática que, em latim, exprime-se pelo caso ablativo instrumental. Para mais informações sobre o ablativo de instrumento, cf. nas Gramáticas Latinas de Ernesto Faria e de Ribeiro.

<sup>77</sup> Trata-se de uma alusão sexual, que pode ser uma possibilidade de interpretação, tendo em vista a leitura dos versos anteriores, que não se encontram, acima!

bém, pode ser interpretado como uma crítica mordaz do pastor Dametas a Menalcas, visto que Dametas o considera uma pessoa falsa!

### **2.3. O paralelismo sintático**

Muito comum, no idioma latino, é a recorrência de paralelismos sintáticos, tanto na prosa, quanto nos versos; e nos versos de Virgílio não poderia ser diferente: na terceira bucólica, a partir do verso 80, lê-se, nas falas de Dametas e de Menalcas, respectivamente, uma longa sequência de paralelismos, iniciada pelo adjetivo latino *triste* (“uma coisa triste”), em gênero neutro, que se refere a todas as orações posteriores (com efeito, para não ser repetitivo, colocamos as vírgulas para substituir a mesma expressão, ao traduzir o texto). Assim, lemos, nos versos 80 e 81:

*Triste lupus stabulis, maturis frugibus imbres  
Arboribus venti, nobis Amarylidis irae*

“O lobo é uma (coisa) triste para os estábulos, os aguaceiros, para as maduras searas, os ventos, para as árvores, as iras de Amarílide, para nós.”

E, nos dois versos seguintes, o paralelismo sintático também pode ser corroborado pelo adjetivo no neutro *dulce* (“uma coisa doce”):

*Dulce satis humor depulsis arbutus hedis,  
lenta salix feto pecori; mihi solus Amyntas.*

“A água é (uma coisa) bastante doce (...), o medronheiro, para os desmamados cabritos, o flexível salgueiro, para o fecundado rebanho, só Amintas, para mim.”

Em ambos os casos, vale destacar que o poeta inicia o paralelismosintático, com um adjetivo de gênero neutro, configurando tal recurso estilístico, na fala dos dois pastores, que intercalam os cantos de temática bucólica.

### **2.4. Alusões implícitas à sensualidade**

Ao longo da 3ª *Bucólica*, encontramos não poucos versos nos quais podemos haurir, também, insinuações de caráter sexual ou obsceno. Apreciemos a tradução dos versos iniciais do 3-6:

*Infelix o semper, oves, pecus! Ipse Neaeram  
Dum fovet ac ne me sibi praeferat illa veretur,  
Hic alienus ovis custos bis mulget in hora,  
Et succus pecori et lac subducitur agnis.*

“Sempre, ó ovelhas, (vós) sois um infeliz rebanho. O próprio (Egão)  
Enquanto acalenta Neera e teme que ela a si me prefira,  
Este estranho guardador ordenha as ovelhas duas vezes por hora;  
Não só o suco é subtraído ao rebanho, mas também o leite, aos cordeiros.”

Onde se lê *hic alienus ovis custos bis mulget in hora*, podemos inferir uma conotação sexual. Assim, em nota de nosso trabalho, dizemos:

O presente verso, parece-nos, também, que traz consigo uma conotação sexual. De fato, o verbo *mulgere* (“ordenhar”), aqui, pode ser interpretado como uma metáfora à masturbação, referindo-se ao fato de que Dametas, conquanto o queira, não pode possuir Neera, que é acariciada pelo dono do rebanho, Egão. Nota-se, destarte, que esse mordaz comentário de Menalcas corrobora a sua ironia inicial, pois, com efeito, não só Dametas cuida de um rebanho que não é seu, mas, também, deve contentar-se que Egão, o dono do rebanho, goze os amores por si cobiçados.

No verso 64, Virgílio nos informa:

*Malo me Galateia petit, lasciva puella,*

“Galateia procura atingir-me com uma maçã, menina lasciva,”

Também poderíamos interpretar *malo* não como “maçã”, mas como “por meio do mal”, de modo que a menina deixar de ser “brincalhona” ao jogar uma maçã; e passa a ser “lasciva”, desejosa de más intenções, ávida por prazer sexual; o poeta se vale por polissemia do vocábulo e por semelhança de forma entre *malum* (maçã) e *malum* (adjetivo neutro usado como substantivo), de um duplo sentido para, de um sentido lúdico, passar a significar algo mais maligno, “por meio do mal”, de modo que a frase adquire uma conotação libidinosa, como afirmamos, acima.

## 2.5. *Alusões a fautores e a detratores*

Traço que vemos, constantemente, em outras *Bucólicas* e nesta também, são os encômios de Virgílio aos seus patronos; neste caso, destacamos alusões políticas a Polião.

Nos versos 84-89, Virgílio, pela boca dos pastores, Menalcas e Dametas, que, então, tinham iniciado uma alteração<sup>78</sup>, tece uma série de louvores a Polião, cônsul romano. Vale ressaltar que Virgílio pertencia ao mesmo círculo dos *poetae novi*, isto é, dos “novos poetas”; Asínio Polião, entre outros, como Mecenas, favorecia aqueles em que julgasse ver talento:

---

<sup>78</sup>Disputa musical em que duas pessoas, alternadamente, cantem um número de versos.



*Pollio amat nostra, quamvis est rustica, Musam;  
Pierides, vitulam lectori pascite vestro.  
Pollio et ipse facit nova carmina, pascite taurum,  
iam cornu petat et pedibus qui spargat arenam.  
qui te, Pollio, amat, veniat, quo te quoque gaudeat*

“Polião ama a nossa Musa, ainda que seja rústica;  
Piérides, apascentai uma novilha para o vosso leitor!  
O próprio Polião também faz novos carnes; apascentai o touro,  
Porque<sup>79</sup> ele já ataca com o chifre e espalha a areia com os pés.”

Em suas alusões, o poeta, ao invés de tecer louvores dirigidos a pessoas ilustres, como Polião, também pode ferir e criticar pessoas, em seus versos, como fez com Bávio e com Mévio, que são maus poetas e inimigos de Virgílio:

*Qui Bavium non odit, amet tua carmina, Mevi,  
Atque idem jungat vulpes et mulgeat hircos*

“Quem não odeia Bávio, ame os teus carnes, Mévio,  
E, também, junja rapozas e ordene bodes.”

Jungir rapozas e ordenhar bodes são coisas impossíveis; assim, Virgílio diz que, de um lado, é impossível não odiar a poesia de Bávio, de outro, que não se pode amar os carnes de Mévio.

## **2.6. Alusões às circunstâncias políticas**

A Temática central da primeira *Bucólica*: a desapropriação das terras, também pode ser atestada e corroborada, nesta 3ª *Bucólica*, contudo de forma velada. Apreciemos os versos a seguir (94-5):

*Parcite oves nimium procedere; non bene ripae creditur; ipse aries etiam  
nunc vellera siccata.*

“Evitai, ó ovelhas, avançar muito! Na margem, não se confia bem; o próprio carneiro, ainda agora, seca os velos.”

Com efeito, devemos inferir que as ovelhas simbolizam os pastores, e os carneiros, os donos de rebanho, que na verdade são os invasores, são os veteranos militares de guerra, que invadiram as terras dos pastores, de modo que estes perderam suas terras, ao passo que os legionários veteranos de Augusto “sugaram”, secaram, usaram as terras e “secaram”

---

<sup>79</sup>Traduzimos pela conjunção “porque”, pois o pronome relativo *qui*, nesta oração subordinada, introduz uma relativa causal, onde o verbo está no subjuntivo.

os velos. Virgílio, portanto, se apropria de imagens, de alusões, para fazer sua crítica mordaz e social sobre os acontecimentos de sua época.

### 3. Conclusão

O adágio italiano, *trduttore, traditore*<sup>80</sup>, exprime bem a dificuldade de toda tradução: manter-se fiel ao sentido original do texto. Sem embargo das várias similitudes (às vezes, até mesmo, das identidades) que há entre o latim e o português, a natureza analítica desta língua, contrapõe à natureza sintética daquela. Em muitos casos, é difícil não abrir mão da literalidade do texto, tendo em vista que, em nosso vernáculo, frequentemente, o sentido da oração depende da ordem de seus termos integrantes, o que não acontece com o idioma latino, por causa de seu sistema de casos gramaticais; em outras situações, o problema não está, tanto, no sentido, mas na preservação do estilo, que, pela ordem das palavras, busca exprimir certas imagens ao leitor. Ademais, a complexidade de seus períodos subordinados nos quais, não só a relação entre os tempos, mas, também, entre os modos dos verbos, é determinante, obriga-nos a recorrer a tempos e modos diferentes daqueles que vemos, em o texto original.

Além dessa dificuldade, pertinente à tradução de quase todo texto em língua estrangeira, as *Bucólicas* trazem consigo certas idiossincrasias: o seu vocabulário é, consideravelmente, específico; porque trata da vida rural, há o uso de muitos nomes de plantas, de animais, de instrumentos, de deidades pastoris; de suas superstições e de tantas outras coisas, *lato sensu*, que se referem, com grande especificidade, à vida no *rus* romano, milhares de séculos atrás.

Enfim, examinados e enodados os versos que esbanjam os principais traços estilísticos de Virgílio, em seu carme, com suas alusões, com suas metáforas e com suas críticas ocultas; outrossim, pudemos inferir algumas polissemias semânticas imprescindíveis para a penetração das camadas mais profundas do que o poeta quis informar-nos, e todas aquelas imagens e recursos de estilo nos quais somos surpreendidos, não só pelo emprego de várias figuras de linguagem, mas, também, pelo variado emprego dessas mesmas figuras. Dito isto, podemos concluir que a leitura da terceira *Bucólica*, em seu texto original, requer de quem se incumbe dessa laboriosa, mas deleitosa tarefa, um profundo domínio da língua latina, desde as suas declinações e casos, até aos âmbitos mais intrincados

---

<sup>80</sup> “Tradutor, traidor”.

de sua sintaxe, sem detrimento, evidentemente, do conhecimento da métrica poética e das figuras de linguagem que mais reiteradamente ocorrem ao *stylus* e à *poiesis*, isto é, à criação poética. Não podemos deixar de destacar também a natureza laudatória, que atestamos, na leitura dos versos analisados, que, ora a Augusto, ora a Polião, dirigem-se. É necessário ao leitor um certo conhecimento histórico acerca das circunstâncias sociais e políticas de Roma, no momento da história em que Virgílio compôs o seu poema. Semelhantemente, a recorrente alusão do poeta aos deuses pagãos de seu povo faz, também, que um saber da mitologia não seja desdenhado, mas necessário.

Uma obra de tal quilate, gramaticalmente complexa, rica em imagens e em camadas de sentido, exprime tanto o gênio, que deu a vida à obra, quanto o seu valor intrínseco. Assim, com este nosso trabalho, esperamos ter conseguido debelar as dificuldades e projetar luz sobre os abismos; enfim, o nosso escopo foi ter contribuído, com o nosso quinhão, para o maior aproveitamento de um texto cujo predicamento, clássico, justifica, por si só, sua consideração mais profunda.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: Martin Fontes.

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. Brasília-DF: FAE, 1995.

MENDES, Odorico. *Virgílio brasileiro ou tradução do poeta latino*, Trad. de Manuel Odorico Mendes. Paris: Remquet, 1858.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *Gramática latina: com a Morfologia Histórica das declinações*. Curitiba: Prismas, 2015.

\_\_\_\_\_. *A poesia pastoril: As Bucólicas de Virgílio*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. (Org.). *3ª Bucólica de Virgílio*. Trad. Bilíngue. Rio de Janeiro: Ados, 2021.

VALLAURI, Tommaso. *Historia Critica Litterarum Latinarum*. Turim: *Officina Regia*, 1850.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Sintaxe do período subordinado latino*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.